

LITERATURA ORAL: AS PARLENDAS E O LÚDICO NA ESCOLA

ORAL LITERATURE: PARLENDAS AND PLAYS AT SCHOOL

Mariana Schuchter Soares

Graduada em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Graduada em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (URJF)

Autora do Diário de Karoline e P-47

E-mail: marichuc@ig.com.br

Tatiane Abrantes da Silva

Graduada em Letras Língua Inglesa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (URJF)

Graduanda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (URJF)

E-mail: abrantestatiane@gmail.com

RESUMO

Este estudo propõe, por meio de uma revisão bibliográfica, analisar as especificidades das *parlendas*, literatura oral considerada antes como poesia-brincadeira, por ter como público principal o universo infantil. Objetiva-se, ainda, analisar as mudanças, inerentes ao tempo e às colaborações populares, sofridas por estes textos, e a utilização desse gênero textual pelo professor, sem que seja esquecido o lado lúdico dos poemas, a fim de que se possa desenvolver as competências dos alunos e resgatar valores imêmorens na sociedade. Dessa forma, e mais uma vez, a literatura se mostra como precursora do folclore e da identidade cultural do país.

Palavras-chave: Literatura Oral. Educação. Ludicidade. Cultura Brasileira.

ABSTRACT

This paper intends to analyze, throughout a bibliographic revision, the specificities of *parlendas*, oral literature before considered as play poem, having children as mainly public. Intends also to analyze changes related to time, popular helping, happened to these texts, and its uses by the teacher, without forgetting the student's competences and rescue unforgettable values in society. This way, and once more, literature shows itself as forerunner of folklore and the country cultural identity.

Key-words: Oral Literature. Education. Ludicrous. Brazilian Culture.

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento sobre o folclore brasileiro está cada vez mais distante da escola e das crianças que a frequentam. Enquanto os pais, em sua época de infância, brincavam de roda, cantavam cantigas tradicionais e ouviam os mais velhos contarem as lendas do Saci Pererê, da Vitória Régia e do Curupira, atualmente, muitas crianças desconhecem a maioria destes elementos, frutos da cultura popular brasileira.

A mudança dos conceitos de uma geração para a outra não é novidade, já que a tecnologia, à medida que avança, impõe novos padrões e regras sociais. Com isso, valores se perdem, confundidos, muitas vezes, pelos desenhos animados e jogos baseados em violência.

Em um contexto marcado pela adultização precoce, provocada principalmente pelas influências da mídia ou, muitas vezes, dos próprios pais, o professor de língua portuguesa e literatura desempenha um papel central na tentativa de resgatar o folclore brasileiro no mundo infantil. Tal processo pode ocorrer por meio de trabalhos com os gêneros textuais e da leitura de histórias de autores que utilizam as lendas criadas pelo imaginário popular em seus escritos – como é o caso de Monteiro Lobato, em especial com o *Sítio do Pica-pau Amarelo* (1920); e Ziraldo, com os quadrinhos da *Turma do Pererê* (1932).

No entanto, não é só a partir da literatura de grandes autores que o estudo do folclore brasileiro pode ocorrer em sala de aula, já que este se manifesta também através de gêneros textuais da literatura oral, como é o caso dos acalantos (ou canções de ninar), das adivinhas (ou charadas, muitas vezes precedidas da expressão *o que é, o que é?*), das cantigas de roda e das *parlendas*, que são o objeto deste estudo.

Segundo Weitzel (1995, p. 26), o folclore literário compreende duas partes:

- a) o *folclore narrativo*, abrangendo as lendas, os mitos, os contos, as fábulas, os casos e o anedotário popular;
- b) o *folclore poético*, que engloba o cancionário materno, com os seus acalantos, as cantigas infantis, com uma gama imensa de brincadeiras cantadas, os romances, os *abecês*, as quadras, os desafios e a literatura de cordel.

Frente a tais afirmações, o principal objetivo deste trabalho é analisar as *parlendas* inseridas no domínio do folclore poético, caracterizando as brincadeiras cantadas a partir de teorias acerca da literatura oral e do folclore brasileiro, com base em uma revisão bibliográfica consistente e em conhecimentos práticos, adquiridos durante o trabalho com gêneros textuais em sala de aula.

2 A LITERATURA ORAL E A TRADIÇÃO POPULAR

O ser humano, desde os tempos mais remotos, utiliza a linguagem para moldar sua cultura, acumular experiências e transmitir conhecimento e valores de geração a geração. Partindo de tal pressuposto, pode-se dizer que as diferentes formas de linguagem foram as grandes responsáveis por eternizar inúmeras descobertas científicas e preciosidades da literatura.

Tomasello (2003) nomeia o que se pode chamar de processo de evolução cultural cumulativo de *efeito catraca*. Segundo o autor, um indivíduo cria a primeira versão de determinada prática ou artefato e outros fazem modificações ao longo do tempo histórico (o que não se pode ignorar, partindo de conceitos e contextos mais restritos, quando se fala das *parlendas* modificadas pelo popular desde a primeira versão). O que impede que se percam tais modificações e melhorias é justamente a transmissão social, já que a *catraca* só deve girar para frente. A aprendizagem cultural se deve, principalmente, ao fato de o homem ser capaz de compreender o outro indivíduo como *coespecífico*, como agente intencional igual a ele mesmo.

Pouco se sabe sobre a história da linguagem (a não ser sua história mais recente), no entanto, sabe-se que as habilidades de comunicar e interagir têm papel crucial na cognição social e no desenvolvimento humano, a partir do momento que um indivíduo reconhece o outro como igual.

Neste ínterim, pode-se considerar a literatura oral como uma antiga arte de exprimir eventos reais ou fictícios em palavras, imagens e sons, ou seja, através de diferentes tipos de linguagem. A linguagem escrita, apesar de mais recente e menos difundida, não deixa de ser válida na transmissão da cultura popular – como no caso das lendas de caminhão, literatura de cordel, epitáfios –, assim como a linguagem gestual – colocar as mãos postas enquanto reza, ou levantar o dedo polegar para cumprimentar alguém, por exemplo –, no entanto, a oralidade ainda persiste como principal forma de difusão.

(...) Os contares, os cantares e os falares do povo estão contidos sob os títulos de “Literatura oral” e “Literatura Popular”. O uso consagrou a primeira denominação, surgida em 1881, na obra do folclorista francês Paul Sebillot “Litérature Orale de La Haute-Bretagne” (WEITZEL, 1995, p. 21).

O populário brasileiro está enraizado em culturas distintas como é o caso da portuguesa, indígena, africana e, quando se fala em língua, da árabe, que não eram culturas homogêneas, mas tinham, por si só, diferentes níveis. Os portugueses, por exemplo, já carregavam influências de diversos grupos étnicos que se concentraram em Portugal, como latinos, germânicos, cartagineses e castelhanos. Os indígenas, por sua vez, dividiam-se em tribos distintas e, por isso, falavam diferentes línguas e tinham diferentes crenças e costumes.

Pode-se considerar que a literatura folclórica é totalmente popular. No entanto, é preciso que não se confunda os conceitos no que se refere à literatura, já que ser popular não implica ser folclórica. Isso se deve, principalmente, ao fator tempo, que é extremamente relevante ao se analisar elementos do folclore. Uma manifestação popular pode manter todas as características e o espírito de determinada região, mas ela não será considerada folclórica se existir contemporaneidade. Tal pressuposto evoca como elementos essenciais: a antiguidade, a tradição, o anonimato (autor despersonalizado), a aceitação coletiva, a persistência, a incorporação de variantes pela coletividade, a resistência ao esquecimento, a transmissão oral e a funcionalidade (existe uma razão para o fato acontecer). Segundo Cascudo (1984), é preciso que, antes de tudo, a literatura folclórica apresente certa indecisão cronológica, que não se possa indicar o momento preciso de produção, apenas, se for o caso, uma época extensa, a qual não se restrinja a um espaço exato no tempo.

2.1 AS PARLENDAS COMO GÊNERO TEXTUAL

Pouco se ouve falar das *parlendas* (ou *parlengas*) atualmente. No entanto, apesar de não aparecerem com tal denominação, os versinhos que formam esse gênero textual são amplamente utilizados pelo povo. Como eles geralmente apresentam temática infantil, são recitados em brincadeiras de criança.

Um fator que colabora para que tais textos façam parte do cenário infantil é que eles possuem rimas simplificadas e métricas que favorecem a musicalidade. Além disso, o humor também é característica marcante e indispensável nas *parlendas*, o que conquista o gosto infantil em relação à descoberta dos signos, através do que se pode chamar de um verdadeiro jogo com a linguagem.

Pode-se dizer que as *parlendas* fazem parte do folclore brasileiro, já que foram criadas pelo popular e representam uma relevante tradição cultural no Brasil. Não se pode negar que tais textos estejam entre os tesouros da poesia popular, não da poesia lírica ou

engajada, mas da poesia-brinquedo. Segundo Bordini (1986, p. 42), a autoria desses textos “desapareceu da memória popular coletiva e [...] se transmite (ou se produz) nas classes sociais dominadas, espelhando seus interesses postergados.” Por isso, como temática, é comum encontrar aspectos bucólicos e genuínos, a vivência simples do homem do campo – o que, de forma alguma, deprecia sua utilização no meio urbano. Tal característica pode ser verificada nos seguintes versos de autoria desconhecida, retirados de um *corpus* disponibilizado na obra *Folclore literário e linguístico* de Weitzel (1995, p. 160).

Excerto 1:

Na fazenda do Zé Bia,
Quem tem fome não vai lá:
Péla-égua¹ no almoço
Péla-égua no jantar.

As *parlendas* também imprimem aspectos próprios das fábulas, especialmente no que se refere aos animais quanto à representação do tempo mítico, no qual os bichos, assim como os homens, falam e apresentam características humanas. Este assunto será mais detalhadamente abordado no decorrer deste texto.

De acordo com Cascudo (2001), grande parte das *parlendas* – assim como das cantigas de roda, histórias de princesas e príncipes, brinquedos como o pião e pipa – são oriundas da cultura europeia, pois foram supostamente trazidas pelos portugueses, por eles chamadas de *lenga-lengas*. Após diversas transformações, as *lenga-lengas* ganharam nova roupagem e foram incorporadas à cultura brasileira que, por assim dizer, sofreu inúmeras influências de nações distintas.

As *parlendas* sofreram e ainda sofrem modificações ao longo do tempo, desde sua primeira versão e autoria (a última, geralmente desconhecida). Isso porque as crianças, maior público deste gênero literário, não se limitam a reproduzir as experiências alheias, mas reinventam, fazem adaptações nas palavras de acordo com seu conhecimento vocabular, gramatical, além de suas experiências. Já que tal gênero faz parte da literatura oral, as modificações feitas por uma criança, ou por um determinado indivíduo, acabam passando de geração a geração à medida que tais poemas são recitados, o que acaba criando um círculo de contribuições populares anônimas, além de reforçar o aspecto dinâmico da cultura.

Marcuschi (2007, p. 19), em uma discussão referente a gêneros textuais, afirma que esses “são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social”. Partindo desse pressuposto, entende-se que a *parlenda* é um gênero textual da oralidade, predominante

no *frame* da brincadeira infantil e bem longe da cultura eletrônica tão difundida no meio social. Ainda segundo Marcuschi (2007, p. 25), “gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Por isso, é possível entender o porquê de uma *parlenda* sofrer variações de uma região a outra do país, ou mesmo de uma comunidade a outra dentro de uma mesma cidade, considerando-se as circunstâncias culturais em que são reproduzidas.

Apesar de as *parlendas* serem reconhecidas como gêneros textuais, segundo Nogueira (2000), professora da Universidade Federal de Goiás, é muito importante que o professor evite a *pedagogização* da brincadeira, ou seja, o fato de a poesia-jogo perder seu papel no mundo infantil e passar a constituir simples material didático. Por isso, é necessário que o educador procure se informar sobre o assunto antes de utilizar estes textos em sala de aula, de forma que tal trabalho favoreça “o resgate de identidade cultural e o estabelecimento de relações físicas e sociais pouco disponíveis para a criança do meio urbano” (NOGUEIRA, 2000, p. 5). Logo, o pátio da escola torna-se o lugar ideal para se trabalhar com a literatura oral, de forma lúdica, com o intuito de estimular a socialização entre os alunos, além de promover o contato com a cultura brasileira e valorizar as diversas formas de manifestação cultural.

Quanto aos tipos de *parlendas*, alguns estudiosos propõem classificações distintas. Weitzel (1995, p. 152, 162) divide as *parlendas*, principalmente, em *mnemonias* e fórmulas de jogar. As *mnemonias* são “destinadas a ensinar às crianças as primeiras noções de números e de nomes das coisas de seu pequeno mundo”, já as fórmulas de jogar são “*parlendas* usadas pelas crianças quando jogam bola na parede ou pulam corda”, em início ou no desenrolar de brincadeiras de rua, geralmente em grupos.

É exemplo de *mnemonia* retirada da obra de Weitzel (1995, p. 153):

Excerto 2:

Um, dois,
Feijão com arroz;
Três, quatro,
Arroz com pato;
Cinco, seis,
Bolo inglês;
Sete, oito,
Café com biscoito;
Nove, dez,
Vai na bica lavar os pés
Pra comprar cinco pastéis
Pra ganhar 500 réis,
Pra comer no dia dez.

A *mnemônia* em questão utiliza os números e os associa a rimas que se referem, em sua maior parte, ao campo semântico da comida. Tais rimas e associações facilitam a memorização das crianças em relação aos numerais cardinais, ao mesmo tempo em que as divertem com o jogo de palavras.

Os textos, principalmente quando se fala em *mnemonias*, podem ser muito bem aproveitados na educação. No entanto, é importante que o professor escolha com cuidado o material a ser trabalhado em sala de aula quando se fala em folclore. O profissional deve saber selecionar as lições e riquezas do patrimônio cultural da humanidade, separando-as daquilo que é pura superstição, ou mesmo manifestações inadequadas no que concerne a determinada faixa etária.

Segundo Almeida (1971), o folclore apresenta um lado prejudicial e condenável, assim como acontece com quase todos os aspectos da vida, [e], por isso mesmo, a função seletiva é fundamental à inteligência. Não cabe discutir aqui até que ponto certas manifestações folclóricas são condenáveis ou prejudiciais, no entanto, é incontestável que se deve utilizar do bom senso, considerando-se sempre o objetivo da aula e o benefício que trarão certas lições para os alunos na hora de selecionar conteúdos, qualquer que seja o assunto proposto.

2.2 RECURSOS E ASPECTOS TEMÁTICOS DAS PARLENDAS

As fábulas, provavelmente, constituem o gênero literário preponderante quando se fala em aspectos prosopopáicos. Essas costumam apresentar animais com mentalidade humana, que representam classes sociais e demonstram seus vícios, na tentativa de ratificar as virtudes do homem.

No entanto, a figura de linguagem chamada prosopopeia também está presente, de maneira intensa, nas *parlendas*, objeto de análise deste estudo. Nelas, muitas vezes, animais e seres inanimados refletem ações próprias do convívio humano, fundamentadas não em estudos científicos, mas em aspectos da observação e do imaginário popular. Pode-se citar como exemplo o seguinte texto, retirado do *corpus* disponibilizado no site www.qdivertido.com.br:

Excerto 3:

Papagaio louro
Do bico dourado
Leva essa cartinha
Pro meu namorado
Se tiver dormindo
Bate na porta
Se tiver acordado
Deixe o recado.

No excerto 3, o papagaio louro apresenta atitudes humanas como “levar uma carta”, “bater na porta” ou “deixar um recado”. Tal fato chama a atenção porque, apesar da temática e do palavreado simples, há a presença de linguagem metafórica, reforçando a teoria de que a metáfora faz parte do cotidiano. O mesmo pode-se observar no texto:

Excerto 4:

O Macaco foi à feira
Não sabia o que comprar
Comprou uma cadeira
Pra comadre se sentar (...)
(www.qdivertido.com.br)

A *parlenda* fala de um macaco que exerce atividades próprias do dia-a-dia de um ser humano ao dirigir-se à feira para realizar suas compras. O excerto 4 pode ser encontrado, ainda, em outra versão, na qual o termo *macaco* é substituído por *jacaré*, alteração que não modifica o caráter prosopopáico do texto. Já no caso do excerto 5 (www.qdivertido.com.br):

Excerto 5:

Põe tijolo e terra tira
Pra fazer uma casinha
Pra bonequinha Bartira
Morar com sua mãezinha.

A bonequinha Bartira ganha aspectos sociais humanos. A boneca faz parte de uma família (representada pelo termo *mãezinha*) e intenciona morar em uma *casinha* construída de tijolos (forte característica de residências humanas). A personalização de uma boneca já não é novidade na literatura, visto que vários autores utilizam este recurso, principalmente quando os textos são voltados para crianças, como é o caso da boneca *Emília*, do *Sítio do Pica-pau Amarelo*. É importante ressaltar, ainda, os sufixos presentes nas palavras “casinha”, “bonequinha” e “mãezinha”. Os sufixos que indicam diminutivos são comuns neste gênero textual, pois tal recurso pode apresentar conotação infantil em casos específicos. Tal questão pode ser bem ilustrada com o excerto 6.

Excerto 6:

Batatinha quando nasce
se esparrama pelo chão.
Menininha quando dorme
põe a mão no coração.

(www.qdivertido.com.br)

Além da utilização de elementos da natureza em geral, sejam eles objetos de prosopopeia ou não, há outra característica muito recorrente nas *parlendas*. Muitas vezes, são utilizados termos que representam membros da família como: tia, avó, mãe, comadre, como no excerto 7:

Excerto 7:

Corre, Cutia,
Na casa da tia
Corre Cipó
Na casa da avó
Lencinho na mão
caiu no chão
Moça bonita
Do meu coração
Um, dois, três.

(www.qdivertido.com.br)

São inúmeras as temáticas deste gênero textual. No entanto, é verdade que certas *parlendas*, assim como lendas e outros elementos do folclore, apresentam um lado escuro e, pode-se dizer, inapropriado para trabalhar com as crianças mais novas, por provocarem medo ou ensinarem o inverso do que se deve fazer segundo preceitos éticos e morais. É o caso do excerto 8:

Excerto 8:

Fui ao botequim
Tomar café.
Encontrei um cachorrinho
De rabinho em pé.
Sai pra fora, cachorrinho,
Que eu te dou um pontapé!

(www.qdivertido.com.br)

Considerando que as crianças estão em período de formação de personalidade, é muito importante que valores como cuidar bem dos animais e respeitar a natureza sejam frisados em sala de aula, contrariamente ao que se prega no excerto 8. Esse é o lado *prejudicial* do folclore, aquele que prega agressão e violência, seja física ou verbal, ou mesmo superstições infundadas e preconceitos. Tais versos devem ser deixados de lado quando se fala em educação, apesar de fazerem parte do patrimônio cultural.

A obscuridade também está presente nas lendas folclóricas, passíveis de provocar sentimento de medo nas crianças dependendo da forma como são contadas. A lenda da Iara, por exemplo, conta a história de uma sereia maligna, que canta e enfeitiça os homens, levando-os para a morte no fundo do rio. Quanto à lenda do Curupira, sabe-se que, segundo o imaginário popular, ele solta agudos assovios e cria ilusões para assustar e confundir caçadores e lenhadores, até que esses se percam ou enlouqueçam no meio da mata. Os pés do personagem são virados para trás, pois servem para despistar os homens que seguem suas pegadas, a fim de que tomem a direção errada. Apesar do intuito de proteger as matas, a lenda do Curupira apresenta obscuridade na forma como trata aqueles que prejudicam a floresta, utilizando-se, de certa forma, da psicologia do medo. O mesmo acontece com a lenda da mula-sem-cabeça, que seria supostamente originada por uma mulher que tivesse uma relação amorosa com um padre ou sacerdote. Ela se transformaria em mula-sem-cabeça, assombrando aqueles que encontrasse, à noite, pelas estradas.

É aconselhável evitar o uso da psicologia do medo em sala de aula, pois as crianças podem apresentar reações que vão da dificuldade para lidar com problemas comuns a sinais de *stres*. Por essas e outras razões, é tão importante a forma como são trabalhados esses e outros temas do folclore, para que se possa aproveitar apenas aquilo que é realmente produtivo para os alunos, em termos de desenvolvimento de competências e formação sócio-cultural.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA ORAL NA ESCOLA

Estimular a literatura oral na escola pode ser um caminho relevante não só para a alfabetização, mas para o desenvolvimento das crianças em diversos aspectos. Isso porque - além de desenvolver importantes competências relacionadas à oralidade, proporcionar o contato com os signos e, conseqüentemente, a descoberta deles - mostra-se, muitas vezes, de grande valor quando se trata de formação *antropológica* e de conhecer as características do comportamento civilizado na sociedade humana. A língua, como instrumento de uso, e o folclore fazem parte do escopo de estudo da *antropologia cultural* (FROST, 1999). Tal teoria adverte quanto à importância da *educação cultural*, da aprendizagem de uma cultura comum a cada comunidade, a fim de reconhecer a si próprio como integrante de um grupo social e de determinada identidade cultural.

As *parlendas*, assim como outras manifestações folclóricas da literatura oral, não são apenas brincadeira infantil, mas também ginástica, educação, crítica, história e poesia. O poema-brincadeira é, ainda, uma fonte popular de informações no que concerne à cultura brasileira. A expressão *aprender brincando* já é *clichê* no *frame* educacional. No entanto, é exatamente o que o trabalho com as *parlendas* faz, principalmente quando se fala das *mnemônicas*, que trabalham temas como números, dias da semana, entre outros, apresentando formas criativas de se ensinar informações essenciais ao ser humano que vive em sociedade. A partir dessa literatura folclórica, é possível que os alunos internalizem novas estruturas da língua e aprimorem a sensibilidade em relação às expressões sonoras. Ainda segundo Cascudo (2001, p. 61),

(...) as mnemonias fixam na retentiva infantil os dados imediatos do pequeno mundo ambiental. São as fórmulas divulgadoras dos primeiros-princípios, do real-imediato, nomenclaturas indispensáveis para as *conhecenças* indispensáveis, números, dias da semana, meses, nome dos dedos (...).

Apesar de serem consideradas, em muitos casos, partícipes da classe dos *nonsense rhymes*, ou rimas *sem pé e sem cabeça*, preocupando-se, muitas vezes, mais com o ritmo e a musicalidade do que com a linguagem e a informação, é possível que as *parlendas*, se trabalhadas adequadamente pelo professor, desenvolvam também a criatividade dos alunos. Isso porque o texto verbal é construído a partir de uma série de imagens associadas que, apesar de não possuírem uma lógica explícita, apresentam, muitas vezes, uma *lógica infantil* diferente, por assim dizer, da lógica adulta (CASCUDO, 2001). Geralmente, as imagens evocadas pelas *parlendas* envolvem elementos simples do universo infantil e da natureza, permitindo, dessa forma, a exploração do raciocínio, a memorização, o entendimento e a descoberta do mundo, além de uma breve introdução ao vasto universo da literatura.

Como já dito anteriormente, é muito importante que o professor não se esqueça de valorizar a ludicidade das *parlendas*, com o intuito de evitar que tal manifestação folclórica deixe o cunho de poesia-brincadeira e passe a constituir mero material didático, passando a ser considerado somente como parte dos estudos pelas crianças, e não como um autêntico jogo com a linguagem. Tal fato causaria distorções no objetivo primeiro do professor, aquele que se refere ao resgate de valores folclóricos na escola, apresentando efeito inverso ao esperado. Por isso, o melhor lugar para se trabalhar a literatura oral continua sendo o espaço reservado para o lazer das crianças, desde que o professor permaneça focado no propósito de desenvolver as competências dos alunos.

3 CONCLUSÃO

As *parlendas*, poemas-jogo modificados pelo popular com o passar do tempo, constituem não apenas um gênero literário, mas também um relevante tesouro cultural no que se refere ao folclore brasileiro. No entanto, muitas vezes, tais poemas são esquecidos, ou pouco valorizados no que concerne à educação, enquanto poderiam ser bem aproveitados, a fim não só de desenvolver diversas competências nos alunos, mas também, preservar o patrimônio do país a partir da transmissão para novas gerações.

A literatura oral, em suas diversas faces, deve ser instrumento para o aprendizado na escola. Entretanto, não deve constituir mero material didático, e sim ser trabalhada com o objetivo de valorizar o lado lúdico, de forma responsável pelo profissional. É necessário que o professor selecione com critério e cuidado o material a ser empregado nas aulas, para que os alunos possam não só absorver, como também envolver-se com o melhor da literatura folclórica, sem sucumbir a ensinamentos prejudiciais no que se refere a valores éticos e morais, já que aspectos relacionados ao preconceito e à obscuridade estão presentes em alguns destes textos.

O folclore brasileiro pode ser transmitido em suas diversas faces, seja ela escrita, gestual ou oral. O importante é que não sejam esquecidos os valores culturais, no intuito de valorizar a identidade do país e as produções populares que emergiram ao longo do tempo histórico.

NOTAS DE FIM

¹ Expressão popular que designa canjiquinha salgada com couve.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato. *Vivência e projeção do folclore*. Rio de Janeiro: Agir, 1971.

ANGELOTTI, Christiane. *Parlendas*. Disponível em: <http://www.qdivertido.com.br/folclore.php>. Acesso em: 30 de agosto de 2009.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

CASCUDO, Luis da Camara. *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada e Universidade de São Paulo, 1984.

FROST, Everett L.; HOEBEL, Edward Adamson. *Antropologia cultural e social*. 9. ed., São Paulo: Cultrix, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 5. ed., p. 19-36.

NOGUEIRA, Monique Andries. *Brincadeiras tradicionais musicais: análise do repertório recomendado pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / MEC*. Trabalho apresentado no ENCONTRO ANUAL DA ANPED – GT da Educação Infantil. Caxambu, 2000.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WEITZEL, Antônio Henrique. *Folclore literário e linguístico*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1995.